

# A HISTÓRIA DE INÁCIO: algumas reflexões sobre as possibilidades de mudança nos rumos de sua própria história

SANDRA REGINA BARRETO<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo pretende discutir as adversidades enfrentadas por Inácio, nome fictício de uma criança da camada popular, frente as novas exigências da modernidade. Para tanto faz um breve relato da sua história de vida, obtida através de entrevista semi-estruturada com a criança e sua mãe, realizada para coleta de dados de pesquisa de dissertação de mestrado, e uma comparação entre as condições concretas de vida de pessoas das camadas empobrecidas da população e das camadas médias e altas, traçando referências quanto as diferenças de classe no Brasil. O artigo aponta ainda para as exigências impostas pela modernidade quanto as capacidades e competências mínimas para a participação produtiva no século XXI e as possibilidades de Inácio de obter sucesso frente a essas novas exigências. Adverte quanto ao papel transformador da escola e seus limites, destacando por fim a relação dialética sujeito-sociedade e o homem como produto e produtor de sua própria história.

## Abstract

This article aims at discussing the adversities faced by Inácio, a fictitious name given to an ordinary child, towards the demands of modern times. A brief narrative of Inácio's life is obtained through a semi-structured interview with him and his mother. This interview is part of the data collection of a Master's degree research. The data obtained in the interview is compared to the life conditions of middle and high social classes. The article highlights the demands imposed by modern

<sup>1</sup> A autora é psicóloga, Especialista em Psicologia da Comunicação e Mestre em Psicologia pela UFSC. Atualmente é professora do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), Joaçaba. E-mail: sandramb@unoescjba.rct-sc.br

times regarding the minimum skills and competencies required to participate productively in the 21<sup>st</sup> century and the possibilities that Inácio can succeed according to these new demands. It also warns the changing role and the limits of schooling, highlighting, finally, the dialectic relationship subject-society and the human being as the product and the producer of his own history.

## Palavras-chave:

Camadas populares, pós-modernidade, sucesso.

## Introdução

Inácio é o nome fictício que resolvi dar a um brasileiro que conheci num dia desses. É uma criança como tantas outras crianças brasileiras que, embora vivam sob as adversidades impostas por um país com extensas dimensões territoriais e outras extensas divisões sociais, sobrevivem a cada dia. Sua família é de classe popular, mora com a mãe e os irmãos numa casa de poucos cômodos. Vai à escola todos os dias – distante de onde mora, é multirepente da 1<sup>ª</sup> série e quase não fala quando conversamos com ele, mas brinca com os amigos da escola e do bairro como toda criança deve fazer.

Pensei em lhe chamar de Inácio porque esse nome está relacionado à palavra fogo<sup>2</sup>. Já conheci muitos desses *Inácios*, que lutam dia após dia pela própria vida e pela vida de seus familiares. Quando conseguem um emprego, são ajudantes de pedreiro, faxineiras, auxiliares de serviços gerais ou, então, catadores de papel, entre outras tantas profissões que buscam para enfrentar essa batalha cotidiana pela existência. Certamente é necessário muito fogo – calor e luz – para dar conta dessa batalha.

Envolvida com a coleta de dados da minha pesquisa de mestrado, a qual buscava entender a compreensão que a criança multirepente tem de seu desempenho escolar, e envolvida ainda pelas discussões sobre a constituição do sujeito na contemporaneidade, pensei muito nesses *Inácios brasileiros*.

Esse artigo pretende fazer um esboço modesto dessas reflexões. Ele deixa um pouco de lado o rigor acadêmico porque tive dificuldades em tratar com rigorosidade científica aqueles que estão extensamente distantes da academia: aqueles que, como Inácio, não conseguem obter sucesso na escolarização e são barrados já na 1<sup>ª</sup> série do Ensino Fundamental.

<sup>2</sup> “Inácio, do lat. *Egnatius*, de origem pré-indo-européia, mas, por etimologia popular, relacionada a Inglês, “fogo”, donde *Ignatius*.” Para Shulze, a designação latina provete do etrusco *enate* (Guérios, 1981, p. 146).

## Histórias de brasileiros

Moro num bairro comum, próximo à Universidade onde estudo. Falo que meu bairro é comum porque, como tantos outros bairros das cidades do Brasil de hoje, ele reúne diversos personagens: estudantes, jovens casais, famílias já constituídas, idosos, moradores antigos em casas antigas, moradores novos em prédios recém-construídos, aqueles que saíram do interior do estado e se apossaram de pequeno pedaço de terra e que lutam cotidianamente pela sobrevivência, aqueles que lutam não pela sobrevivência, mas por mais qualidade de vida e, enfim, aqueles outros que não precisam fazer tanto esforço assim.

No mesmo lugar geográfico estão definidos, no entanto, o espaço de cada um. Da minha rua desenham-se outras pequenas ruas, uma delas que dá para um morro. Na rua onde moro, digamos a rua da propalada classe média, passam todos – pobres, ricos e “remediados” – e aqueles que ali residem têm um carro popular, geladeira, freezer, microondas, telefone celular e os demais confortos que a era moderna trouxe. Vez ou outra pedem uma pizza por telefone ou fazem um lanche no Mc Donalds.

Numa pequena rua, a primeira que desemboca da minha, moram aqueles que compraram um terreno amplo e construíram uma casa ampla, com piscina, mais de um carro na garagem, e que conseguem certamente usufruir muito mais dos confortos da vida moderna. Os pais frequentam com muito mais assiduidade os restaurantes, que certamente não são italianos, e os filhos são clientes assíduos dos *fast-foods*. Fui a uma festa filantrópica numa destas casas e me encantei com os guardanapos de papel personalizados.

Bem, a alguns metros dali, há uma outra rua, que dá para o morro. Lá estão os que vieram do interior do estado em busca de uma vida melhor, como a mãe de Inácio. Moram em casas pequenas, de duas a cinco peças, com uma geladeira velha, uma pequena TV – através da qual passaram a conhecer o microcomputador, o telefone celular e aqueles confortos da vida moderna que os vizinhos das outras ruas têm. Os filhos estudam em escolas públicas, muitas vezes são repetentes da 1<sup>ª</sup> série, como nosso amigo Inácio, e freqüentemente desistem de estudar por puro cansaço dos fracassos acumulados na escola.

Inácio mora num bairro vizinho ao meu, com a mesma configuração, numa das ruas que moram aqueles que vieram do interior em busca de uma vida mais confortável. O conheci numa dessas idas e vindas da minha pesquisa de mestrado. Ele tem 10 anos e estuda numa escola pública. Repetiu por três vezes a 1<sup>ª</sup> série e, por isso, foi matriculado numa classe denominada de aceleração – projeto desenvolvido pela Rede Municipal de Ensino da cidade. Depois de concluir o ano, pode ingressar na 3<sup>ª</sup> série do Ensino Fundamental, na classe de aceleração nível II, ou permanecer na mesma classe de aceleração – nível I.

Fui até o local de trabalho de sua mãe. Sentadas na sala reservada ao descanso dos funcionários – uma pequena cozinha, na verdade – ela contou-me que morava

com os filhos em Alagoas, num município pequeno. Ela e os três filhos resolveram mudar de cidade, pois onde moravam era muito difícil conseguir emprego. Sonhava com uma vida melhor para os filhos. Então uma cunhada conseguiu-lhe um emprego, esse que, aliás, mantém até hoje. Arrumou um pouco de dinheiro, comprou as passagens e mudou de Estado.

Desde então sai de casa muito cedo para trabalhar. Atravessa um morro para cortar caminho, pois de ônibus teria de gastar dois passes para a ida e mais dois para a volta. Os filhos fazem com ela o mesmo percurso para ir à escola, sendo que normalmente retornam mais cedo para casa.

Ela contou ainda que no município onde moravam havia apenas um colégio, muito distante de sua casa, e por isso nenhum dos três filhos estudara antes. Assim, embora os filhos tenham 17, 15 e dez anos, a apenas três anos frequentam a escola.

A mãe diz que está enfrentando um problema, pois os dois filhos mais velhos, aptos a ingressar na 5ª série, terão de mudar de escola. Referiu que já foi conversar com a diretora do colégio indicado, a qual lhe disse que seus filhos eram muito grandes para frequentarem essa série, sugerindo então que fossem trabalhar.

## E na Belíndia nossa de cada dia...

O Brasil, já se disse, "... é um misto de Bélgica com Índia, a Belíndia" (Santos, 1987, p. 30). Na Belíndia nossa de cada dia convivem amistosamente a escassez com o excesso - o Fusca 1968 com a Mercedes 2000. Afinal, vivemos sob a égide da meritocracia<sup>3</sup> que tenta explicar por que Inácio repetiu tantas vezes a 1ª série e por que uns têm guardanapos personalizados e outros têm que catar lata e papel na rua para trocar por comida.

Cotidianamente conheço pessoas como essas, que juntam tralhas na própria casa para vender, já que não conseguem arranjar emprego. Trabalho certamente não lhes falta, falta-lhes emprego. Foi no meu trabalho/emprego onde conheci essas pessoas que, num dia desses, deparei-me com um cartaz. Olhei com curiosidade, já que ingressava em estudos sobre a modernidade e a pós-modernidade<sup>4</sup> e li: *Códigos da Modernidade - capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI*<sup>5</sup>. Diz o cartaz sobre as capacidades necessárias:

1. Domínio da Leitura e da Escrita;
2. Capacidade de fazer cálculos e de resolver problemas;
3. Capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações;
4. Capacidade de compreender e atuar em seu entorno social;
5. Receber criticamente os meios de comunicação;
6. Capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada;
7. Capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> Segundo Patto (1996), a Revolução Política Francesa (1789-1792) e a Revolução Industrial Inglesa culminaram com a decadência da economia feudal e com a ascensão da sociedade burguesa liberal. Durante o século XVIII e início do século XIX, a burguesia se tornou a porta-voz dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que se acreditava firmar na sociedade capitalista. No entanto, artesãos e camponeses, destituídos da matéria prima e de seus instrumentos de trabalho, fazem crescer a população pobre dos centros urbanos. Assim, o mundo fica dividido entre homens vencedores e perdedores. O sucesso já não mais se obtinha pelos privilégios de nascimento como na era feudal, mas se passou a acreditar que dependia das habilidades e do mérito pessoal, do talento.

<sup>4</sup> Segundo Santos (1987, p. 7-8), "... pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E anuncia-se hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnologia (ciência+tecnologia invadindo o cotidiano, desde alimentos processados até microcomputadores), sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural".

Em contrapartida, o Governo Federal e a Unicef realizaram uma campanha nacional para o registro de nascimento. Segundo é informado na campanha, no Brasil, uma entre três crianças nascidas não é registrada. Por um lado se tem o ambiente pós-moderno e, por outro lado, milhões de brasileiros sem registro de nascimento. Um contexto...

"(...) povoado pela cibernética, a robótica industrial (no Japão há 150 mil robôs nas indústrias), a biologia molecular, a medicina nuclear, a tecnologia de alimentos, as terapias psicológicas, a climatização, as técnicas de embelezamento, o trânsito computadorizado, junto com o walk-man, o vídeo-game, o vídeo-cassete, o videolata (tv-computador-telefone), a tv por cabo (já em 40% dos lares nos EUA, com seis mil empresas no setor) e os computadores domésticos" (Santos, 1987, p. 26-27).

Esses avanços, no entanto, são acessíveis a uma pequena parcela da população mundial, sendo a grande maioria sujeita a condições de vida marcadas pela falta de saneamento básico, de sistema de saúde de qualidade, de educação...

Abramowicz (1997) descreve o perfil do aluno multirepetente observado numa pesquisa realizada na região de Jaguaré/SP. Segundo a autora, a maioria das crianças observadas são filhas de migrantes, como nosso amigo Inácio. Moram em favelas feitas de barracos de madeira, de bloco, com um a cinco cômodos. As famílias freqüentemente são numerosas, formadas por redes de parentesco e de solidariedade. A pessoa de referência pode variar entre a mãe, o pai ou padrasto. Na sua maioria, as crianças não têm quarto próprio e às vezes têm de dividir a própria cama. Desde muito cedo responsabilizam-se pelos serviços domésticos, pois as mães normalmente são trabalhadoras. Conclui a autora que tudo isso significa ser pobre no Brasil.

Mello (1988) faz também uma descrição do perfil de famílias populares de origem rural, e refere que é comum encontrarmos uma forma de organização familiar composta por aglomerados familiares, ou seja, a reunião de várias famílias nucleares, parentes, aparentados ou compadrio que são ligados não apenas por relações afetivas, mas também por esquemas de sobrevivência.

Ser pobre no Brasil, então, é viver submetido a esquemas de sobrevivência: quando a mãe arranja uma faxina e o pai, um bico, é preciso decidir quem falta à aula para ficar com o bebê, que não tem vaga na creche porque a mãe não tem registro em carteira de trabalho; ensacar balas para as crianças pequenas venderem nas ruas, porque não há dinheiro suficiente; trocar roupas doadas por instituições de caridade por quilos de comida; pedir dinheiro nas sinaleiras para se comprar uma caixa de sapateiro... São muitas as alternativas buscadas para vencer essa luta travada cotidianamente para ter alguma coisa para guardar na velha geladeira, enquanto os vizinhos da outra rua, no mesmo bairro, têm emprego, escola e ônibus escolar para os filhos, convênio de saúde e freqüentam restaurantes a quilo.

Essas são as mais gritantes contradições do capitalismo. E o mais perverso de tudo isso, me parece, é uma teoria sobre a pobreza, embalada por ideais liberais: a

<sup>5</sup> Autor: José Bernardo Toro, 1997, Colômbia.  
Produzido por: Modus Faciendi: desenvolvimento social e ação educativa; Fundação Social; Fundação Maurício Strossky Sobrinho.

<sup>6</sup> No cartaz, cada uma das capacidades aqui enumeradas está descrita de forma mais detalhada.

teoria do *esforço*. Se é pobre quando se é preguiçoso, quando não se trabalha, quando não se estuda porque não se empenha para isso... É a culpabilização do outro.

A despeito dessas considerações sobre a pobreza, porém, a mãe de Inácio continua atravessando o morto todos os dias para trabalhar no único emprego que conseguiu. E continua alimentando o desejo de dar uma vida mais confortável para os filhos, embora carregue o sofrimento de que fala emocionada: as saudades da mãe que deixou no nordeste do país.

## Considerações acerca de Inácio

Há então que se pensar quais as chances de Inácio obter sucesso nesse mundo povoado de códigos...

Todos sabemos que Inácio não teve até agora muitas chances de acessar os códigos da modernidade arrolados no tópico anterior. Em consequência, não tem domínio da leitura e da escrita; certamente está apto a resolver problemas, mas provavelmente ainda não os de matemática. Certamente também consegue analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações, mas não àqueles que a expressão "manejar símbolos, signos, dados, códigos e outras formas de expressão linguística" se refere<sup>7</sup>. Não há dúvidas quanto à sua capacidade de compreender e atuar em seu entorno social, mas terá dificuldades, com certeza, de defender seus direitos e solucionar seus problemas fora dos limites de sua comunidade. Embora não venha obtendo sucesso na escolarização formal, talvez saiba receber com crítica as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação – mas apenas aqueles que se restringem à TV e ao rádio, já que cinema, jornais e revistas não habitam seu cotidiano. Terá dificuldades em localizar, acessar e usar a informação acumulada, pois não tem acesso a todos os meios de comunicação; e enfim, quanto a capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo, dependerá do quanto tiver de lutar pela própria sobrevivência e do quanto se associará a outros para tornar essa luta menos penosa.

Mas Inácio vive em "tempos modernos", certamente um pouco diferente dos tempos de Carlitos<sup>8</sup>. Não há mais o domínio exclusivo do modelo Fordista/Keinesiano que no início dos anos 70 se mostrou incapaz de conter as contradições do capitalismo; passa a haver hoje uma organização industrial e empresarial baseada na acumulação flexível, ou seja, na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo (Harvey apud Mena Barreto, Schaffrath, 1997). Dos *princípios da administração científica*<sup>9</sup> de Taylor à esteira de Ford e à fabricação de automóveis segundo o desejo do cliente, vai uma longa distância. "(...) as novas tecnologias (particularmente os modelos computadorizados) dissolveram a necessidade de conjugar a produção em massa com a repetição em massa, permitindo a produção em massa flexível de 'produtos quase personalizados', que exprimem uma grande variedade de estilos" (Harvey, 1992, p. 77).

<sup>7</sup> Expressão retirada do cartaz mencionado anteriormente.

<sup>8</sup> Refiro-me ao filme de Charles Chaplin, *Tempos Modernos*, onde seu personagem, Carlitos, retrata o modelo de produção Fordista.

<sup>9</sup> Tratado de F. W. Taylor que propunha a decomposição de cada processo de trabalho em movimentos e a organização de tarefas de trabalho distribuídas de acordo com padrões rigorosos de tempo e estudo dos movimentos (Harvey, 1989, p. 121)

Assim, para Harvey (1992, p. 117), o que vemos hoje, na verdade, é "uma transição no regime de acumulação e no modo de regulação social e política a ele associado".

Em tempos de acumulação flexível do capital, o novo trabalhador deve então responder aos códigos da modernidade e a escola garantir a preparação desse trabalhador flexível. Mas, o que é feito na/da escola?

Lembro que certa vez fui visitar uma escola pública para saber como estava se saindo uma criança, portadora de necessidades educacionais especiais, encaminhada para lá. Na hora do intervalo deparei-me com o triste fato de que a merenda servida para as crianças naquele dia seria, como me disse uma professora, arroz com arroz. Não havia sobrado mais nada na merenda, além do arroz. Então, em tempos de arroz com arroz, como a escola pode garantir a preparação desse trabalhador flexível?

A despeito da escola estar incluída como um dos aparelhos ideológicos do Estado pela forma como favorece a interiorização da ideologia dominante pelas classes subalternas, como refere Althusser, ela sempre me pareceu um espaço meio mágico pela possibilidade de transformação que, penso, ela pode favorecer. Gramsci, entre outras tantas contribuições que fez ao avanço da teoria marxista, relacionou a dominação ideológica à subordinação intelectual. Para ele, o que sustenta a unificação ideológica exercida pela classe dominante é o senso comum, conforme as palavras de Mochcovitch:

"O senso comum caracteriza-se, portanto, pela sua adesão total e sem restrições a uma concepção de mundo elaborada fora dele próprio, que se realiza num conformismo cego e numa obediência irracional a princípios e preceitos indemonstráveis e 'não científicos', funcionando no plano da crença e da fé" (1988, p. 15).

Para Gramsci, há um núcleo sadio no senso comum: o bom senso. A partir desse bom senso é que se pode pensar a transformação. "É, pois, sobre esse bom senso – núcleo sadio do senso comum – que se deve trabalhar, procurando desenvolvê-lo e transformá-lo em consciência de classe, ou seja, concepção de mundo coerente e homogênea" (Mochcovitch, 1988, p. 16).

Para Vygotski, a escola tem um papel diferente e insubstituível, na apropriação pelo sujeito, da cultura produzida pela humanidade. Ela é a instância que possibilita o acesso ao pensamento conceitual.

"Ao interagir com esses conhecimentos, o ser humano se transforma: aprender a ler e a escrever, obter o domínio de formas complexas de cálculos, construir significados a partir das informações descontextualizadas, ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos científicos hierarquicamente relacionados, são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio" (Rego, 1994, p. 104).

Aí, penso, o papel transformador da escola: a possibilidade de se trabalhar sobre o bom senso e de se favorecer o desenvolvimento de novas formas de pensamento.

No entanto, o sucesso de Inácio na vida certamente não está apenas na escola; a escola não é a *salvadora da Pátria*, pois, afinal, a cultura não está apenas ali. Inácio, mesmo que não obtenha o sucesso na escola, vai continuar crescendo, vai trabalhar, mesmo que com "bicos", conhecer outras pessoas, aprender muitos outros saberes e fazer, ter sucessos em alguns, insucessos em outros... Mas há que se convir que ter oportunidades de estudar e uma educação com qualidade é seu direito, inalienável. E é também um bom começo...

### Considerações Finais

Tomando por bússola a abordagem histórico-cultural, há que se pensar na relação de Inácio e seu meio sócio-cultural. Zanella (2000) traça algumas considerações a respeito da relação sujeito-sociedade, em Morin e Vygotski. A autora destaca que, para Morin, a sociedade é produto da interação de indivíduos e que tais interações criam por sua vez uma organização que tem qualidades próprias que acabam por retroagir sobre os indivíduos. "Isso significa que os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos" (Morin apud Zanella, 2000, p. 77).

Consoante com isso, Vygotski destaca que a cultura é produzida na vida social e na atividade dos homens. É, pois, na interação dialética do homem e seu meio histórico-cultural que surgem as características tipicamente humanas. Essas características não são inatas; elas são, antes, o resultado dessa interação dialética. Dessa forma é que as funções psicológicas superiores<sup>10</sup> têm sua origem na relação entre os homens e se desenvolvem graças à apropriação da cultura.

As funções psicológicas superiores surgem no desenvolvimento humano duas vezes: primeiro entre as pessoas, e depois, no interior delas. O desenvolvimento, então, vai do nível social, interpsicológico, em direção ao nível pessoal, intrapsíquico. Vygotski (1989) ilustra esse processo de forma bastante clara. Dá o exemplo de uma criança pequena, que inicialmente procura pegar um objeto distante do alcance de suas mãos. Em seguida, a mãe, observando o movimento, vem em ajuda da criança e entrega-lhe o objeto desejado. Dessa forma é que "o movimento de pegar transforma-se no ato de apontar" (Vygotski, idem, p. 64). Portanto, a relação entre os homens produz a cultura, e a cultura produz os homens. Assim, "... cada pessoa é em maior ou em menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais" (Vygotski apud Zanella, 2000, p. 78).

Inácio, como todos nós, é modelo da sociedade e da classe a que pertence.

Esses Inácios de vida severina, portanto, que moram em casas pequenas, de duas a cinco peças, com uma geladeira velha, uma pequena TV da qual passaram a conhecer o microcomputador, o telefone celular e aqueles confortos da vida moderna que os outros tem; esses, cujos filhos estudiam em escolas públicas e são multirepentes, são produzidos pela sociedade, pela classe a que pertencem. E tal qual artesãos e camponeses da sociedade capitalista nascente, são os pobres e fracassados.

<sup>10</sup> Segundo Rego (1995, p. 39) as funções psicológicas superiores "(...) consistem no modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação etc".

Resta o consolo de que todos nós, homens e mulheres, ricos, pobres e "mediados", embora as adversidades da sociedade que nos produz, produzimos também essa sociedade. Quem sabe Inácio, por qualquer razão (ou muitas razões) que certamente desconhecemos, por tantas mediações, dia após dia, não dará um rumo diferente à sua história severina?

### Referências

- ABRAMOWICZ, A. Quem são as crianças multirepentes? In: ABRAMOWICZ, A. MOLL, J. et al. *Para Além do Fracasso Escolar*. Campinas: Papirus, 1997, p. 161-172.
- GUÉRIOS, R. F. M. (Ed.). *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. São Paulo: Ave Maria, 1981.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- MELLO, S. L. *Trabalho e Sobrevivência - mulheres do campo e da periferia de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1988.
- MENA-BARRETO, D. B.; SCHAFFRATH, M. A. Bird: o signatário das políticas públicas e o discurso da qualidade na educação. *Roteiro - Revista Científica da Unoesc*, Joaçaba, v. 15, n. 45, jan./jun. 2001.
- MOCHCOVITCH, L. G. Gramsci e a Escola. São Paulo: Ática, 1988.
- PATTO, M. H. S. *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.
- REGO, T. C. Vygotski: uma perspectiva histórico cultural da Educação. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SANTOS, J. F. O que é Pós-Moderno. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- VYGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZANELLA, A. V. Aproximaciones a la temática de la constitución del sujeto en Vygotski y E. Morin. *Revista Psykhe*, v. 9, n. 2, p. 75-81, nov. 2000.